

ÍNDICE

Introdução	11
1. O dilema moral supremo: autorresponsabilidade ou vitimização	21
2. Terrorismo moral esquerdista, o novo proprietário dos negros	141
3. Destruição moral da colonização, miséria moral do descolonizado	157
4. Migrações transfronteiriças e (des)ordem moral do mundo	197
5. O assassinato moral e intelectual das salas de aula	225
6. Universidades, centros de lavagem cerebral	267
Índice onomástico	301

*Dedicado a Donald Trump, Jair Bolsonaro,
Nova Direita Europeia e Povo de Israel*

INTRODUÇÃO

É possível minimizar drasticamente a pobreza e a violência que se alimentam uma da outra?

É!

Com duas condições: recentrar a orientação do mundo na moral social e fazer derivar a prosperidade de uma escolha moral coletiva consciente que possa atravessar gerações e séculos. Tal como a prosperidade dos povos esteve sempre dependente da sua orientação moral, é hoje inequívoco que a miséria e a violência resultam do falhanço moral do respetivo povo. Comprovam-no o Ocidente e a África, Israel e a Palestina, assim como os demais continentes, regiões, países ou minorias identitárias.

Resta o mais importante, clarificar o que significa *moral social*, a razão de ser deste livro.

Cada um de nós compreende-se e é compreendido pelos outros através da sua história de vida. Quando se transita do indivíduo para o coletivo passa a estar em causa a história de vida de uma personalidade coletiva (*identidade social* em linguagem académica¹)

¹ Cf. Henri Tajfel, *Human Groups and Social Categories – Studies in Social Psychology* (Cambridge: Cambridge University Press, 1981).

que não se conta apenas em anos ou décadas, mas sobretudo em gerações, séculos, milénios. Sem esse conhecimento, compreender o mundo é como ler um romance a partir do meio ou perto do fim saltando páginas.

Entre outros, o ciclo histórico que vivemos é moldado por europeus, brasileiros, norte-americanos, islâmicos, britânicos, negros, ocidentais, árabes, portugueses, evangélicos, australianos, africanos, nórdicos, judeus, brancos, franceses, asiáticos, ciganos, católicos, catalães, chineses, russos, indianos. Cada qual tipifica uma maneira de ser e de estar coletiva que permite captar as razões de uns tenderem a ser estáveis, pacíficos, equilibrados, capazes de gerar prosperidade enquanto outros, por seu lado, tenderem para a instabilidade, desordem, criminalidade, anomia, incapacidade endémica de se libertarem da pobreza.

O desafio da contemporaneidade teima em ser o de reverter o estado do mundo em que a última tendência é a regra e a primeira a exceção porque se insiste há um século em caminhar na direção errada. A forte ascendência da pobreza ou da estagnação sobre a prosperidade não resulta dos traços genéticos ou biológicos dos povos, nem das condições naturais dos territórios. Resulta das características subjetivas de cada personalidade coletiva moldadas na sua longa viagem pela história, o que significa que a identidade dos povos, assim como a de comunidades ou minorias identitárias, não é nem estática nem imutável no decurso do tempo. O que falta clarificar é que é na natureza da moral social, que orienta esse percurso, que reside a chave explicativa da prosperidade, ou da falta dela, no presente e no futuro, a tese que atravessa este livro.

Na milenar tradição judaico-cristã e filosófica ocidental, os fundamentos históricos da moral social (sinónimo de *ordem moral coletiva*) foram gerados pela autoconsciência do mal que a espécie humana está sempre predisposta a causar ao seu semelhante. Não menos, pela autoconsciência da capacidade da espécie em gerar o

seu próprio antídoto, a predisposição simultânea que instiga indivíduos e coletivos a autorresponsabilizarem-se pelos seus atos e pelo seu destino. A persistente ambivalência entre o mal e o dever da sua cura acabou por constituir a fonte da fertilidade da espécie humana, uma permanente disputa íntima da consciência de cada indivíduo dominada pelo sentimento de culpa própria. Foi este que se impôs como o dogma mais sólido que humaniza o inescapável primarismo instintivo da espécie e que fundou e sustenta a *moral social do complexo de culpa*.

Como Sigmund Freud explicou em *Totem e Tabu* (1912-13), em rigor trata-se de uma herança atemporal gerada na pré-história pelos cultos mágico-religiosos ancestrais, depois reinventada em fórmulas religiosas e laicas até ao presente, sendo que o dogma apenas foi abalado há um século, e já depois da obra de Freud. Com o correr do tempo, as consequências do abalo acabaram por se ir tornando salientes em grupos, comunidades, nacionalidades, regiões ou continentes que hoje se destacam por evidenciarem dificuldades em alcançar a estabilidade e a prosperidade. Trata-se de coletivos que comungam a identificação com ideais políticos de esquerda que os marcaram num passado ainda presente, por norma na sequência de revoluções, independências ou transições políticas lideradas por figuras carismáticas. Quanto mais nos afastamos dos centros e nos aproximamos das periferias do sistema internacional, mais o fenómeno se torna evidente.

O argumento pode ser testado no percurso nas últimas décadas da Rússia, dos países do antigo Bloco de Leste europeu, da Coreia do Norte, Cuba, África pós-colonial e, mais recentemente, Brasil ou Venezuela, mas também em contextos menos radicais dado o conforto proporcionado pela inserção no espaço ocidental. São os casos de Portugal ou da Grécia e, não menos, da instabilidade persistente em França ou na Itália, assim como o Papa Francisco arrastou o Vaticano para o problema moral retratado neste livro.

As relações entre opções políticas de esquerda e a falta de estabilidade e prosperidade coletiva não se esgotam em coincidências. Sustentam-se em razões sólidas derivadas de uma concepção esterilizante da condição humana filiada a uma moral social que rompeu com o equilíbrio psíquico da espécie sedimentado ao longo de milênios. Da moderada à radical, a esquerda política deriva dos ideais da revolução soviética de 1917. Pela primeira vez na história, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS, 1922-91) conseguiu subverter o *velho complexo de culpa* (o sentimento de culpa virado para o interior do sujeito, para a sua consciência individual e coletiva, que o força a adaptar-se aos outros e ao meio envolvente) passando a impor como válido o *ideal de vitimização coletiva* (a externalização da culpa, a culpa remetida para fora do sujeito, para os outros, o que faz com que indivíduos e coletivos considerem legítimo exigir aos outros aquilo que não exigem a si mesmos).

Tal adulteração revolucionária dos fundamentos psíquicos (morais e intelectuais) da condição humana originou uma *psicossociopatologia* que afeta a viabilidade e a prosperidade de povos, comunidades ou minorias identitárias. A doença acabaria por se tornar ameaçadora quer pela sua propensão para incubar em instituições nucleares que modelam e regulam as sociedades (universidades, ensino não-superior, comunicação social, meios intelectuais e artísticos, sindicatos, partidos políticos, Igreja Católica, entre outras), quer pela sua resistência à passagem do tempo.

Anote-se que o grande impulso na sua propagação por todos os continentes ocorreu durante a Guerra Fria (1945-91) a coberto de um mundo fragmentado em dois blocos antagónicos. Nessa conjuntura caótica e violenta, a ordem moral dos povos pôde ser instrumentalizada contra o bloco inimigo, o que equivaleu ao recurso a uma variante de *arma atômica* cuja utilização foi extraordinariamente facilitada nas sociedades do bloco socialista impossibilitadas de escrutinar a ação dos seus governantes. Submetidos

ao ideal de vitimização, nesses sistemas políticos o escrúpulo quase desapareceu da gestão que o poder fazia da vida quotidiana habitual.

Sendo a concorrente solitária dos Estados Unidos da América, foi a partir da URSS nas décadas da Guerra Fria que se propagou, para ganhar vida própria, a psicopandemia de esquerda que hoje se conta entre as mais destrutivas de sempre de vidas humanas, economias, instituições, identidades sociais ou da confiança mútua entre indivíduos que sustenta a coesão social. Visto de hoje, esse conjunto de consequências é equiparável aos efeitos devastadores do século da peste negra, epidemia também vinda de fora da Europa Central e Ocidental, e que apenas entre 1347 e 1348, no final da Idade Média (séculos v-xv), dizimou cerca de um terço da população europeia.

Como seria inevitável num sistema nascido de uma moral social fundada em pressupostos perversos, a URSS não resistiu ao colapso em 1991. Todavia, a alma soviética continua viva e a reinventar-se por todo o mundo em fórmulas não menos ameaçadoras que se repartem entre ilusões e consequentes maus resultados a prazo de governos orientados por ideais de esquerda e a erosão da coesão e estabilidade das sociedades geradas pelos ativismos progressistas (raciais, religiosos, étnicos, sexuais, ambientalistas, socioeconómicos). Nesses processos, um dos traços de certas doenças psíquicas é a inconsciência das mesmas, sendo necessário saber interpretar as ações do sujeito individual ou coletivo em função dos seus resultados a prazo porque estes não enganam.

Razões para remeter para um espaço público tão amplo quanto possível conhecimentos sobre a origem do fenómeno, as suas características e consequências, mas não menos sobre os caminhos que as sociedades podem percorrer para fazerem escolhas morais conscientes, que lhes abram as portas a uma estabilidade e prosperidade sustentáveis, que projetem muitíssimo melhor a dignidade humana nas gerações e séculos que nos sucederão.

Concretizar tal ambição implica ultrapassar descontinuidades entre, por um lado, discursos e pensamentos de senso comum e, por outro lado, discursos e pensamentos elaborados de intelectuais, académicos, jornalistas, artistas, ativistas ou políticos, estes últimos os propagadores do vírus. Se, por responsabilidade de todos nós, o mundo está compelido a ter de enfrentar a poluição que contamina a atmosfera, os solos, rios ou mares, afundar-nos-emos na irresponsabilidade se insistirmos em deixar para trás a fonte contaminada e contaminadora por excelência, o pensamento. Uma das heranças soviéticas foi a de deixar o mundo submerso em lixo intelectual e académico que nunca parou de crescer por se alimentar dele mesmo, a característica mais saliente das elites atuais. Basta que o leitor repare em muitas das obras disponíveis no local físico ou virtual onde encontrou esta.

Numa ecologia moral e intelectual dominada por uma bola de neve que não parou de crescer no último século, bem mais decisivo do que exercer o direito de voto ou do que ser ativista das mais variadas causas, as sociedades necessitam de se repensar a si mesmas. Enquanto políticos, jornalistas, académicos, ativistas, intelectuais, artistas, opinadores, quase já não conseguem sair da bola de neve contaminada pela distopia soviética que lhes impede de assentarem os pés no chão e que lhes congela o pensamento, razão para se limitarem a debitar clichés que afundam as sociedades e respetivas instituições em frustrações e misérias, a boa notícia é que parte importante da rua preserva alguma liberdade para poder escapar a tal destino, como demonstram as tendências de voto recentes.

Ainda assim, indivíduos cada vez mais escolarizados podem e devem fazer muito mais no seu quotidiano para forçar quem tem o poder de condicionar o sentido da vida coletiva à dignidade elementar que nos define enquanto humanos, a capacidade de pensar. E de pensar o mundo vivendo a vida habitual das pessoas comuns para captar sentimentos e sensibilidades, porém, mantendo a cabeça

orientada por uma ordem moral liberta de discriminações *negativas* e *positivas*, e que consiga ao mesmo tempo compreender o presente, a história recente e remota, assim como os fundamentos da milenar civilização ocidental.

Fornecer matéria-prima para renovar o mundo enquanto entidade moral é o que encontrará quem viajar pelas páginas que se seguem.

Tentei que o conteúdo do livro fosse tão eficaz quanto possível na sua capacidade de chegar aos mais variados tipos de leitores, mesmo sabendo que estão em causa campos do conhecimento nos quais o simplismo das palavras pode tornar-se corrosivo da qualidade do que se pretende transmitir.

A orientação divulgativa do livro foi ainda direcionada para a forma. O conteúdo foi organizado em seis partes autónomas, cada qual abordando assuntos com consequências na vida prática das pessoas comuns. Transversal a todas é a centralidade da questão moral. Por seu lado, cada parte foi subdividida em textos correspondentes a artigos que também podem ser lidos de forma autónoma e na sequência decidida por cada um, ainda que estejam organizados numa lógica sequencial.

Para que o leitor não compre gato por lebre, o livro não disfarça propósitos. Nos dias que correm, foram reabertas as portas para uma profunda revitalização intelectual por um conjunto circunscrito de pensadores cuja qualidade das intervenções teve a particularidade de romper o cerco que travava a socialização da liberdade de pensamento. Destaco Steve Bannon (EUA), Jordan Peterson (Canadá), Olavo de Carvalho (Brasil), Roger Scruton (Reino Unido) ou Dinesh D'Souza (Índia/EUA). O alargamento do que é fundamental na liberdade – pensar, escrever, publicar, dizer – permitiu que o campo político passasse a dispor de condições sustentáveis para a afirmação de um conjunto de movimentos que serão defendidos sem ambiguidades nas páginas que se seguem. Trata-se da Nova

Direita Europeia, Donald Trump, Jair Bolsonaro ou da tradição de autorresponsabilidade do povo de Israel, assim como das demais forças sociais, cívicas e políticas que se aproximarem desses movimentos nos respectivos continentes.

Ao contrário do que se debita na opinião pública, o mundo dá os primeiros passos num dos mais significativos ciclos históricos favoráveis à liberdade e à democracia que se distinguem por estarem associadas, como nunca no passado, ao reforço da estabilidade social e política e à prosperidade dos povos, fenómenos que se podem estender além do mundo ocidental dada a sua dimensão. Este inclui os povos do Ocidente propriamente dito, da Europa e da América do Norte, mas também os demais povos de matriz europeia e judaico-cristã da Oceânia (Austrália e Nova Zelândia), da América Central e da América do Sul, nos dois últimos casos nos ciclos históricos em que se filiam aos ideais civilizacionais da sua ascendência europeia ocidental, assim como o povo de Israel, o referente histórico mais remoto das identidades do conjunto de povos referido.

Admitindo que o futuro terá sempre componentes de incógnita, ainda assim não restam dúvidas que o movimento em causa já assegurou a reorientação irreversível da moral social dos povos muitíssimo mais favorável ao respeito pela dignidade humana como não acontecia há um século, a época dominada pela adulteração moral e intelectual da espécie introduzida pelos soviéticos. Razão para a renovação civilizacional emergente que alastra por todo o mundo ocidental comungar a vontade do combate frontal aos últimos e mais perversos resquícios soviéticos da Guerra Fria, ideais nascidos contra tudo o que o Ocidente representa, mas que passaram a prosperar nesse mesmo mundo por responsabilidades diretas das elites que controlam as suas instituições nucleares. Daí que a força em causa se mova contra o pensamento único que tomou de assalto grande parte da comunicação social, universidades, sistemas de ensino ou

meios artísticos, por seu lado escudados nas lógicas de atuação de organizações internacionais e supranacionais como a ONU, União Europeia, Mercosul, União Africana, entre outras.

Bem dentro do século XXI, repetem-se os anos e dias que antecederam a implosão da URSS, em 1991, agora na versão estendida no tempo e no espaço relacionada com o colapso moral, intelectual e civilizacional da esquerda. Como à época, a obstinação dos crentes volta a fazer com que se tornem insensíveis a uma realidade que os atropela para se reinventar. Sigmund Freud e o sentido da história ajudam a compreender a natureza da moral social dos povos e as razões do seu lento mas seguro despertar contra os inimigos da prosperidade, das liberdades individuais, da segurança coletiva ou dos velhos ideais de civilização.

Gabriel Mithá Ribeiro, junho de 2019